

numa situação de subalternidade ou de sujeição, em que seu patrimônio cultural foi dizimado e rechaçado como coisa do demônio e caminho para o inferno.

Tratamento igual tiveram os índios da bacia do Jaguaripe. Sua resistência ali ganhou uma expressão que falou alto, no primeiro século da colonização, e se encontra documentada, não só nas cartas dos jesuítas, como nos relatórios da Inquisição: "a santidade de Jaguaripe".

Enquanto os índios eram exterminados por doenças, trabalhos forçados e guerras de sujeição, pouco a pouco, iam-se introduzindo os negros naquelas terras. Sua presença foi determinada pelo projeto de colonização portuguesa, que marcou nossa história com a pecha da escravidão.

A colonização comprometeu demais o processo de evangelização, ou melhor, conspurcou-o. A maioria dos missionários não se deu conta da incompatibilidade entre a evangelização e a escravidão e se posicionou em convivência. Outros

mais conscientes, como Vieira, perceberam a contradição, mas, na defesa da "realpolitik", não foram capazes de uma postura profética. No rol de todos os missionários jesuítas, sobressaem, no entanto, o Pe. Miguel Garcia e o Pe. Gonçalo Leite, que protestaram veementemente contra o infortúnio da escravidão. Em consequência, estes últimos foram perseguidos e deportados de nosso país...

Enfim, fazendo-se uma retrospectiva dos primórdios da evangelização de Itaparica e adjacências, a partir da vivência religiosa que se constata no momento presente, conclui-se que o catolicismo trazido pelos colonizadores portugueses marcou profundamente a alma daquele povo, que soube reelaborá-lo na subalternidade com as contribuições legadas pelos ancestrais Tupinambás e pelos negros africanos.

Pe. Francisco Eduardo Gomes Siqueira
Cx. Postal 508
Cep 30161-970 Belo Horizonte - MG

BLOCO IV

NOTA, RESENHA E DISSERTAÇÕES

NOTAS SOBRE OS SACRAMENTOS EM ALGUNS TEÓLOGOS DA TdL

Côn. Dr. José Adriano

1. Gustavo Gutierrez:¹

G. Gutierrez cunhou o termo TdL. Foi um dos pioneiros. Ele coloca como premissa, ao falar de sacramentos, que *a Igreja é o sacramento da história*. Ela está em defasagem com a história presente; por isso mesmo, como sacramento-sinal para o mundo de hoje, redefine o modo de conceber sua missão. "Ela se identifica e encontra seu sentido na missão diante (ou dentro) do mundo de hoje".

A finalidade da Igreja sacramental continua sendo a salvação dos homens, entendida, porém, agora como uma realidade atuante na história. Ela pode hoje dar um sentido novo a salvação e Libertação na AL. Para demonstrar isso,

Gutierrez discorre sobre a presença-sinal da Igreja desde os tempos apostólicos (a Igreja das catacumbas), da cristandade e da época moderna². As mudanças históricas levaram a Igreja, segundo esse autor, a reinterpretar a salvação e sua própria missão junto aos homens.

O autor valoriza a eclesiologia do Concílio Ecumênico Vaticano II. A Igreja-sacramento-sinal é pensada no horizonte da obra salvífica de Deus neste mundo concreto. Difere de conceitos anteriores eclesiocentristas. Neste, a Igreja é serva. Presta serviço ao homem. A Igreja deve revelar o "mistério escondido desde séculos e gerações e, agora, manifestado"³. Esse mistério é o amor do Pai que

1. *Teologia da Libertação*, Vozes 1975, Petrópolis, 209-220

2. pp. 210-211

3. Rm 16,25-26

“amou tanto o mundo que deu seu Filho único”⁴. O sacramento maior, portanto, é o próprio Filho e todos seus gestos são sacramentais, sinais que realizam a salvação que o próprio Cristo realiza. O Cristo-sacramento convoca os homens em comunidade para participar da vida da comunidade trinitária.

Pelos sacramentos o homem encontra Deus na história. Não é Deus que vem da história mas a história vem de Deus. Deus é anterior a história humana e não produto histórico dos homens. Diante desse fundamento teológico, o autor convida a ver a relação Igreja-mundo não em termos espaciais mas dinâmicos e temporais⁵. A Igreja se define aí como comunidade sacramental. Sacramento da salvação deste mundo concreto, de homens histórica e socialmente situados. Nesse contexto, cada sacramento é dom da ação salvífica de Deus à humanidade. Essa ação se realiza pela morte e ressurreição de Cristo. Deve-se celebrar na Igreja, na liturgia e em cada sacramento, aquilo que se realiza fora do edifício da igreja, na história humana⁶.

Para o autor, a vitalidade dos sacramentos está na **koinonia**: união dos fiéis com Cristo (1Cor

10,16), com o Pai (1Jo 1,16), com o Espírito (2Cor 13,13; Flp 2,1) por meio da Eucaristia.

Podemos notar algumas linhas mestras na teologia sacramentária de G. Gutierrez: a) os sacramentos são gestos eclesiais, pois ela própria é um sacramento; b) são dons de Deus e constituem a comunidade; c) atualizam-se na koinonia de Deus com os homens na história; d) são históricos, mas numa história que procede de Deus, e não o contrário.

O Batismo celebrado, recebido como dom pelos homens de fé engendram comunidades históricas; comunidades-comunhão de Deus com os homens para serem sinal de salvação do mundo.

2. Alfonso Garcia Rubio⁷

Este autor inicia por afirmar da existência da utilização ideológica dos sacramentos quando são vistos numa perspectiva a-histórica. Propõe, por isso mesmo, distinguir os sacramentos recebidos num contexto alienante e desencarnado daquele comunitário-libertador. Ele se serve dos níveis de consciência elaborados pela pedagogia de Paulo Freire: a) consciência submersa

que é a fase da magia e da submissão; b) consciência emergente que é a fase do despertar; c) consciência fanática que é a fase irracional e da deturpação da consciência. Na AL há uma forte consciência oprimida. O homem se liberta ao libertar a sua consciência.

O autor sugere que a prática sacramental mais comum na AL está no nível mágico, portanto, de pouca consciência. Não é que os sacramentos sejam a-históricos, é que não se tem consciência aguda e crítica de sua historicidade. É preciso, pois, uma educação que não seja domesticadora e “bancária” mas libertadora.

A solução dada pelo autor é que os sacramentos sejam entendidos como sinais a serviço da responsabilidade consciente da comunidade eclesial em relação à história. Os sacramentos, segundo ele, não podem contribuir para a desumanização/alienação do homem, mas devem ser uma celebração motivadora da liberdade do homem na história. Não podem coisificar mas tornar pessoa.

Os sacramentos devem ser, antes de tudo, praxis: reflexão e ação em vistas da Libertação do homem na história presente. Naturalmente é preciso demonstrar que essa posição não nega a transcendência. Deus age nos sacramentos e o faz

através da praxis do homem. Essa praxis não prescinde da celebração sacramental. Ali o homem intensifica a consciência do sentido e da força libertadora de sua ação.

G. Rubio atribui a eficácia sacramental ao nível de conscientização de cada comunidade. Uma tem mais consciência e, portanto, maior responsabilidade diante dos desafios; outras, menor grau de consciência e, portanto, não é capaz de enxergar os desafios, não os sente e não se importa. Essa afirmação é profundamente problemática. O autor fala de uma eficácia política na libertação das injustiças sociais. Podemos concordar que os sacramentos cristãos, ao fazer crescer na fé, dêem também consciência crítica, mas não se pode, em contrário, atribuir a eficácia, validade, ou razão de ser dos sacramentos apenas ao contexto das lutas sociais. Além de reducionista, parece-nos, também, elitista: somente os iluminados por uma consciência crítica se salvam. A eficácia é antes de tudo teológica: dom e graça.

3. Leonardo Boff⁸

Boff critica o dualismo na concepção de Igreja-sacramento. Diz ele que a Igreja é diferente do mundo e está frente a ele. Sua

4. Jo 3,16

5. Cf. A. LIÉGÉ, *Église de Jésus-Christi*, 164

6. Cf. SCHILLLEBEECKX, *Processo alla religione*, Roma 1968, 151

7. *Teologia da Libertação: política ou profetismo?*, Loyola 1983, São Paulo, 150-160

8. *Teologia do Cativoiro e da Libertação*, Lisboa 1976, 201-219

missão é levá-lo à esfera sobrenatural para salvá-lo. Isso no passado. Hoje ela se reinterpreta e sente-se dentro do mundo e respeita a autonomia das realidades terrestres. Ainda assim Boff a critica, afirmando que esse tipo de igreja é anêmica. É um pensar ideológico legitimador de certo tipo de presença política na sociedade. Essa presença, segundo ele, a Igreja não assumiu historicamente. O autor propõe, portanto, a unicidade da história. A história humana é uma história da salvação única e universal. A Igreja é um sacramento e instrumento ao lado de outras forças sociais.

Essa conceituação praxística da Igreja evidencia, naturalmente, um conceito praxístico de sacramento. O Batismo em si mesmo não é relevante, mas a pessoa do batizado enquanto faz comunidade que atua como sinal profético e instrumento de Libertação. O sacramento tem de ser, para esse autor, mediação histórica para a Libertação. A fé que dá suporte ao sacramento fornece um "novo horizonte de compreensão aos homens e aos povos, a partir do qual lhes é possível assumir, julgar, discernir e purificar o éthos de uma cultura,

sua compreensão de vida, de morte, de natureza, do homem e de Deus"⁹.

Na teologia de L. Boff tudo está em função da praxis. Também os sacramentos encontram sua razão primeira em mudar as situações históricas concretas. Não nega a transcendência (dom, graça, gratuidade) mas é difícil visualizá-la. É verdade, no entanto, que cada cristão batizado tem um *compromisso ético* com a causa do homem que é também a causa de Deus. A fé do Batizado se expressa nos gestos concretos em favor do outro, injustiçado, pobre, dominado. O "culto espiritual se realiza ao mesmo tempo que o compromisso ético"¹⁰.

4. Hugo Assmann¹¹

H. Assmann discute o *eminentemente cristão* na América Latina, isto é, o papel daquele que, pelo Batismo, se tornou membro de uma comunidade de fé e testemunho.

Ele afirma que até agora "o ser cristão" no sentido de seu papel político é um fenômeno oculto porque foi ocultado, inconsciente porque foi alienado, sepultado sob aparências de discurso ideológico.

É preciso ver o "ser cristão" como realidade inegável, diz ele. Destaca nesse sentido dois níveis: a) nível aparente e b) nível histórico. O primeiro nível se refere à cotidianidade das coisas normais (rótulo de cristão católico). Bons cristãos, tementes a Deus e obedientes ao Estado. O segundo nível é profundo e visceral. Trata-se de "ser cristão" na realidade conflitiva Latino Americana neste momento histórico preciso. O "ser cristão" foi imposto na América Latina como violência "normal" (primeiro nível). Hoje tem uma *plusvalia*, isto é, um novo valor de consciência política e ação libertadora. O autor afirma que "o ser cristão" tem uma funcionalidade histórica.

Está subjacente no pensamento do autor a questão da religião super-estrutural e da religião infra-estrutural. A superestrutura (cristandade) já teve o seu papel na conquista e domínio do Continen-

te. A infra-estrutura acolhe a religião popular, os movimentos libertadores, o cristianismo profético. O sacramento é recebido, portanto, por pessoas que constituem modelos diferentes de igreja por se encontrarem num ou outro contexto. Evidentemente, para o autor, o "ser cristão" autêntico está na infra-estrutura. Daí o cristão encontrar-se na dialética da conflitividade. O combate contra a superestrutura é um combate escatológico.

H. Assmann trabalha conceitos a partir dos quais "a fé é entendida somente como praxis"¹² e onde nem sempre há lugar para uma reflexão teológica sobre os sacramentos.

Côn. Dr. José Adriano. é Doutor em Teologia Moral e Diretor da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção
End.: Av. Nazaré, 993
04263-100 Ipiranga - SP

9. Cf. L. BOFF, *A graça libertadora no mundo*, Vozes 1977, Petrópolis, 176

10. Cf. idem, *Igreja, carisma e poder*, Vozes 1981, Petrópolis, 168-169

11. *Teologia desde la praxis de la liberación*, Salamanca 1976, 175-202

12. ASSMANN, o.c., 70